

MARI SATO

**PERCEPÇÃO DO TEMPO E ESPAÇO PÓS-MODERNIZADOS: UM ESTUDO
DA COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO NO AEROPORTO INTERNACIONAL
DE BRASÍLIA**

BRASÍLIA

2012

MARI SATO

**PERCEPÇÃO DO TEMPO E ESPAÇO PÓS-MODERNIZADOS: UM ESTUDO
DA COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO NO AEROPORTO INTERNACIONAL
DE BRASÍLIA**

Monografia apresentada para conclusão
do Curso de Antropologia da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Sérgio Lins
Ribeiro

BRASÍLIA

2012

MARI SATO

**PERCEPÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO PÓS-MODERNIZADOS: UM ESTUDO
DA COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO NO AEROPORTO INTERNACIONAL
DE BRASÍLIA**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, pois ele sintetiza todos os anos de uma vida universitária que foram apoiados e estruturados por ela, assim como todos os outros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenação de Comunicação Social da INFRAERO pela colaboração dada para a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu professor Gustavo Sérgio Lins Ribeiro pela ajuda e orientação nos momentos necessários.

“A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos da mesma maneira, nem veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos.”

Mahatma Gandhi

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	PESQUISANDO A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO.....	13
1.2	AEROPORTOS: A MODERNA MOBILIDADE.....	14
1.3	AEROPORTO INTERNACIONAL DE BRASÍLIA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKE.....	17
2	BERÇO SOCIAL DO TEMPO.....	22
2.1	A CULTURALIDADE DO TEMPO PSICOLOGICO.....	24
2.2	BREVE HISTÓRIA DO TEMPO.....	27
3	GLOBALIZAÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO.....	30
3.1	TEMPO FORMAL GLOBAL.....	33
4	VIVENDO A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO.....	35
4.1	STRESS.....	36
4.2	FALTA DE TEMPO E SEU GERENCIAMENTO.....	37
4.3	RELAÇÕES INTERPESSOAIS COM NOVA ROUPAGEM.....	39
4.4	QUEDA DO LIMITE PROFISSIONAL/PESSOAL.....	41
4.5	JEITO BRASILEIRO DE LIDAR COM O TEMPO.....	42
5	“ENCOLHIMENTO” DO MUNDO.....	46
5.1	PROXIMIDADE CULTURAL = MENOS PRECONCEITO?.....	48
5.2	FADADOS AO MESMO DESTINO GLOBAL?.....	50

5.3	GLOBALISMO X INDIVIDUALIZAÇÃO DA COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO...	53
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS.....	58

RESUMO

Este trabalho inicia-se com a discussão sobre a natureza social das categorias tempo e espaço, a partir da premissa de que a forma de senti-las e padronizá-las dependerá de valores e sentidos social e culturalmente constituídos. O tema central é a análise do fenômeno da compressão espaço-tempo e sua condição derivada de uma conjuntura globalizada com valores pautados por uma sociedade capitalista ocidental. Por se tratar de um fenômeno que tem a mobilidade e a velocidade proporcionada pelos meios de comunicação e de transportes como pontos centrais, escolhi o Aeroporto Internacional Presidente Juscelino Kubitschek de Brasília como local para desenvolver esta etnografia. Meus “nativos” foram viajantes em trânsito que participavam desse fluxo global. As técnicas utilizadas foram a observação direta e entrevista semi-estruturada. O objetivo foi levantar o tipo e o nível de expressão que o fenômeno de compressão espaço-tempo tinha na vida das pessoas, entendendo as razões pelas quais os entrevistados sentiam a existência da “aceleração” do tempo e “encolhimento” do espaço geográfico em suas vidas e suas consequências. A excessiva exposição às informações, a multiplicação de atividades e a velocidade das mudanças estavam entre as causas. Entre as consequências mais frequentes encontravam-se o stress, a falta de tempo, novos tipos de relacionamentos, quebra de preconceitos e outros. Os resultados apontam para a existência de particularidades na forma de processar essa nova realidade espaço-temporal em nível individual e em nível cultural, falando-se mesmo em formas “brasileiras” de vivenciá-la.

Palavras-chave: compressão espaço-tempo, globalização, aeroportos, antropologia da globalização

ABSTRACT

This work begins with a deliberation about the social nature of time and space categories starting from the premise that the way we feel and standardize them will depend on the values and meanings socially and culturally constituted. The main theme is the analyses of the time and space compression phenomenon and its condition derived from a globalized conjuncture which has values lined by a western capitalistic society. For being a phenomenon which has mobility and velocity provided by the communication and transportation means as main points, I chose the International Airport Juscelino Kubitschek President of Brasilia city to be the place to develop my ethnography. My “natives” were travelers who were in this global flux. The techniques used were direct observation and semi-structured interview. The goal was to set up the kind and the level of expression this phenomenon of time and space compression has had on people’s lives by understanding the reasons through which the interviewers feel the existence of the time “acceleration” and geographical space “reduction” in their lives and their consequences. The overwhelming exposition to information, the increasing amount of activities and the speed of changes were among these causes. Among the most reported consequences were the stress, lack of time, new patterns of relationships, the disruption of prejudices and so on. The results also point out to the existence of particularities on the processing way of this new time-space reality in both individual and cultural level, even speaking in Brazilian way of living it.

Key words: time-space compression, globalization, airports, anthropology of globalization

1 INTRODUÇÃO

A dificuldade de estudar o tempo e o espaço se dá, principalmente, pela amplitude, profundidade e complexidade que tais temas abrangem. É uma questão quase tão ampla quanto perguntar o que é vida para o ser humano. Entretanto, na posição de cientista social, diria que dependeria de a qual tempo e espaço nos referimos. Isso nos levaria a uma segunda indagação: existem vários tempos e vários espaços? Afinal, se aprendemos através de teorias, como a de Newton (1687), que as existências do tempo e do espaço são absolutas e únicas, como poderia haver uma variação destas categorias? É onde se encontra o substrato cultural e social destas categorias.

No senso comum, ao perguntar sobre o que são os conceitos tempo e espaço, as repostas seriam construídas a partir de uma intersecção entre experiência individual e valores culturais *a priori* adquiridos, podendo diferir consideravelmente, apesar das similaridades existentes. De qualquer forma, discutir sobre categorias tão abstratas quanto tempo e espaço é uma empreitada consideravelmente difícil.

Porém, muito distante de uma discussão sobre sua natureza absoluta e objetiva tomamos aqui o tempo e o espaço como realidades de natureza social. Afirmar tal coisa pressupõe que tempo e espaço são conceitos formulado pelo ser humano pela necessidade de categorizar o mundo ao seu redor, para poder entender sobre ele e dar sentido à sua própria vida mas, principalmente, que são algo constituído no seio de uma sociedade (DURKHEIM, 1912). Essas categoria podem ser inerentes à cognição humana, mas sua construção conceitual, seus padrões de medição são adquiridos, herdados de gerações anteriores e foram construídos socialmente. As várias “versões” do tempo e do espaço são as formas pelas quais as culturas (ou as sociedades) as percebem e as concebem.

A discussão do presente trabalho não possui o intuito de abordar outras variedades culturais de padrões de tempo e espaciais, mas se foca, principalmente, na questão da percepção do tempo e espaço influenciada e moldada pelo processo contemporâneo da compressão espaço-tempo. Entende-se por compressão espaço-tempo contemporânea uma percepção de “aceleração” do tempo e “diminuição” das distâncias espaciais gerada por uma nova conjuntura ocasionada pelo fenômeno da globalização.

Conceitualmente, a percepção refere-se às funções que permitem captar os estímulos do ambiente. Estímulos estes que geram informações que são processadas e adquirem significados a partir de nosso quadro cognitivo. Assim, os sentidos captam as informações que serão utilizadas para construir nossa compreensão do mundo. Contudo, os sentidos, apesar de responsáveis pelas informações captadas do ambiente, não nos transmitem o valor “absoluto” da realidade. O que nos é dado pela natureza não é simplesmente captado, mas sim representado (LATOUR, 1987) e a decodificação e a significação das informações serão baseadas nos parâmetros culturais apreendidos ao longo da existência e da experiência de cada um, no berço de sua própria cultura.

A concepção de tempo e espaço é a edificação que utilizamos para sustentar nossa existência de forma geral. Por isso, cognitivamente, o ser humano se utiliza de quatro orientações de tempo psicológicas básicas: passado, linha do tempo, presente e futuro. Entretanto, mesmo possuindo uma lógica temporal comum a todos, os valores e os significados que utilizamos para dar sentido a essas categorias são os concebidos pela cultura na qual estamos imersos. E a forma como cada cultura percebe o tempo e o espaço diz muito de seus valores culturais, de suas crenças e principalmente do que é relevante no momento (LEVINE, 1997). Dessa forma, estudar o tipo de percepção espaço-temporal vigente em uma determinada sociedade significa estudar uma trama de relações, de processos, de fenômenos e de valores culturais subjacentes à uma macroestrutura externamente perceptível.

A macroestrutura que pretendo analisar corresponde a uma realidade denominada de globalização. Esta nos leva à uma perspectiva de conectividade mundial, onde todos os cantos do planeta estão interligados, seja pelos meios de transporte, seja pelos sistemas de comunicação. Em contrapartida à relevância do caráter político e econômico presente na discussão sobre a globalização, este trabalho tem por objetivo abordar facetas sócio-culturais de fenômenos produzidos pela mesma, no caso, o fenômeno da compressão espaço-tempo. A concepção do fenômeno compressão espaço-tempo contemporâneo não teria sido possível sem a existência de alguns elementos constituidores do contexto pós-moderno. Os frutos do desenvolvimento tecnocientífico são os definidores e influentes diretos para que tal fenômeno pudesse ter se desenvolvido.

É a partir dessa compreensão que pretendo mostrar como elementos característicos de um tempo (pós-modernidade), de um lugar (sociedade ocidental) e com seus valores (capitalistas) podem moldar e influenciar a percepção do tempo e do espaço de pessoas (viajantes) que estão inseridos nessa malha de mobilidade e deslocamento em aeroportos. É bom notar que apesar de englobados em um mesmo processo, aparentemente homogêneo, as sociedades e os indivíduos não sentirão suas consequências da mesma forma e nem no mesmo nível, afirmação explorada por tantos cientistas sociais em suas pesquisas (veja, por exemplo, APPADURAI, 2004; SAHLINS, 1997).

1.1 PESQUISANDO A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO

Inicialmente, fiz um trabalho de pesquisa bibliográfica em diversas áreas – filosofia, antropologia, psicologia, sociologia, e outras – relacionadas aos temas abordados, no intuito de formar um quadro teórico para discussão e escolha de problemáticas sobre o tema. A posterior coleta de dados, por meio da prática etnográfica, desenvolveu-se no Aeroporto Internacional Presidente Juscelino Kubitschek, na cidade de Brasília, no segundo semestre do ano de 2011, entre os meses de agosto a novembro. Face aos objetivos da pesquisa, a abordagem foi fundamentalmente qualitativa. As técnicas utilizadas foram a observação direta no aeroporto e entrevistas semi estruturadas com viajantes, com gravações quando permitidas. O questionário consistiu em perguntas sobre nível sócio-econômico-cultural, motivos e frequência de viagens, a existência da sensação de aceleração do tempo e compressão do espaço, as causas dessa sensação e suas consequências diretas. Foram entrevistados 49 viajantes (brasileiros de origens diversas do país e alguns estrangeiros), com perfil profissional bastante diversificado, na sua maioria pertencente à faixa etária entre 35 e 65 anos e de ambos os sexos. As entrevistas promoveram um direcionamento inicial permitindo uma fluidez nas respostas para o levantamento de informações mais diversas sobre o tema em questão.

A população que frequenta um aeroporto não se restringe somente aos seus passageiros, inclui também trabalhadores dos estabelecimentos do aeroporto, funcionários de órgãos públicos ou particulares diversos (alfândega, departamento de polícia federal, companhias aéreas), funcionários dos aeroportos (seguranças, pessoal da limpeza, carregadores de mala) e muitos outros. Entretanto, meu recorte privilegiou os indivíduos em trânsito para suas viagens. Assim, certamente, alguns discursos foram considerados em prejuízo do silêncio de outros, porém, tal escolha foi feita com o objetivo de capturar as diferentes perspectivas do tema da pesquisa acreditando que pessoas em trânsito pudessem oferecer informações mais diferenciadas e interessantes. Pelo fato de estarem expostas à mobilidade fugaz, causada pela participação intensa na rede de transportes aéreos possivelmente poderiam expressar experiências e vivências mais intensamente influenciadas pelas mudanças de categorias de tempo e espaço.

Com o intuito de entrevistar viajantes, o planejamento inicial foi de possibilidade de ingresso no terminal de passageiros. Apesar do pedido para a administração do aeroporto, por questões de regimento interno de segurança, não foi possível o acesso. Dessa forma, as entrevistas ocorreram em áreas como a praça de alimentação, a área externa de espera para os passageiros ou a área dos guichês das companhias aéreas. Apesar disso, por ser um aeroporto de elevado movimento de passageiros com origens diversas, tive acesso às pessoas que me forneceram informações diversas e em abundância.

1.2 AEROPORTO: A MODERNA MOBILIDADE

De forma geral, a tecnologia vem proporcionando aos meios de transportes um refinamento de eficiência, de design, de potência e, conseqüentemente, de velocidade. Na mídia nota-se que uma das preocupações primordiais é a promoção de artefatos cada vez mais velozes que denotam modernidade, progresso e futurismo. O meio de transporte aeroviário é, claramente, um dos mais representativos dessa moderna mobilidade de seres humanos e mercadorias. Deslocamentos aéreos possibilitam chegar

a uma enorme quantidade de lugares do mundo com uma exposição à velocidade cada vez maior.

Os aeroportos são lugares globalizados e globalizadores “zonas intermediárias do mundo moderno” (BOTTON, 2010); as pessoas que os frequentam estão inseridas na rede mundial da mobilidade física da qual eles fazem parte. Mesmo quem não viaja frequentemente, não poderia ficar alheio à toda aquela estrutura representativa de uma tecnologia que domina e desafia a natureza e a física com seus “pássaros gigantes de ferro”. Para muitos, o aeroporto chega a ser considerado a estrutura mais revolucionária de nossa era. Não somente a engenharia do aeroporto e a tecnologia dos aviões são atraentes, mas também o encontro, mesmo que compulsório, de tantas pessoas de origens tão diferentes. Os aeroportos tendem, especialmente os maiores, a se tornar símbolo maior de modernidade nos meios de transporte, cada vez mais luxuosos, mais tecnológicos, com seus aviões cada vez mais velozes.

Como são portas de entrada e de saída de muitas nações, a maioria dos grandes aeroportos carrega qualidades que transmitem especificidades políticas, econômicas e culturais locais. São estruturas que moldam e são moldadas pelas condições econômicas, sociais e políticas correntes do país de origem. Seja na arquitetura, na capacidade de fluxo, na estrutura interna, tudo traduz uma dimensão maior de sua localidade e no tipo de mensagem que querem transmitir para os que chegam e os que vão. Por exemplo, no contexto econômico mundial atual, temos a ascensão dos tigres asiáticos ou dos países do Oriente Médio como potências econômicas, não sendo à toa que entre os maiores aeroportos do mundo, com mais aparatos tecnológicos e mais luxo, encontrem-se o de Pequim e o de Dubai, em uma clara demonstração de suas importâncias econômicas. Pequim detém o maior aeroporto do mundo, com 966 mil metros quadrados de área e arquitetura idealizada pelo arquiteto Norman Foster. Combina o estilo tradicional chinês com alta tecnologia. O arquiteto diz que se baseou em "uma forma que lembra os dragões e um teto aerodinâmico que evoca os símbolos tradicionais chineses" (Wikipédia)



Na visão do antropólogo francês Marc Augé (1994) esta supermodernidade vivenciada hoje é produtora de um novo conceito que ele denomina de não-lugares, em oposição ao conceito de lugar antropológico. O “lugar”, para ele, é identitário, relacional e histórico, ao passo que o não-lugar não possuiria identidade, não é relacional e seria ahistórico. O não-lugar é como uma extensão, ou intersecção entre dois lugares, expressão de uma realidade do movimento, do trânsito, da efemeridade, nós da ampla rede global que envolve indivíduos, informações, coisas. Baseando-se nessa definição, os aeroportos seriam considerados não-lugares, pois preenchem a todos os seus quesitos. Contudo, questiono o conceito de não-lugar como ideia absoluta, pois, ao generalizar espaços públicos de passagem, de cruzamento e trânsito dessa forma, renega-se toda a carga simbólica e o significado dados pelas pessoas que lá estão e que por lá passam. Ocupações provisórias ou lugares de passagem não são desprovidos de

sentido gerado pelos seus transeuntes; suas vidas, não se anulam ou se neutralizam em trânsito por esses lugares. O próprio caráter temporário e dinâmico são simbólicos e representativos para as pessoas. Nos dias de hoje, as estruturas e serviços oferecidos pelos aeroportos têm se tornado cada vez mais complexos, em função de que uma quantidade progressiva de pessoas viaja cada vez mais e passa mais tempo nos aeroportos, preenchendo estes lugares com mais história e vida.

É dessa forma mais otimista e poética que Peter Davey descreve o aeroporto. Para ele, o aeroporto é um “cenário de desfile da vida humana”, podendo ser também um “lugar memorável e humanamente enriquecedor” (DAVEY, 1996, p.42). Afinal, como um lugar que sugere uma redução da complexidade geográfica do mundo em um único espaço, que comporta o entrelaçamento de pessoas originárias das diversas partes do mundo e que reúne, em um mesmo tempo e local, diferentes mundos de gente, pode ser um ambiente passivo e, necessariamente, sem vida? A difusão dos aeroportos no planeta tem proporcionado um enorme fluxo de pessoas e com elas, suas vidas, seus sentimentos e suas culturas são difundidas também. As pessoas não ficam alheias à toda movimentação que ocorre ao seu redor, existe a exposição a outros que tornam esses lugares um ponto de percepção e, potencialmente, de encontro de diversidades. A globalização cria novas zonas econômicas e culturais (HARVEY, 1989) e o aeroporto, certamente, é uma delas.

1.3 AEROPORTO INTERNACIONAL DE BRASÍLIA PRESIDENTE JUSCELINO KUBISTCHEK

O aeroporto em questão é o terceiro mais movimentado do país (Wikipédia) e um dos principais da América Latina, sua relevância é também pela localização geográfica e importância política, por estar na capital administrativa do país. Ele recebe e distribui mais de 400 voos diários, movimentando mais de 14 milhões de passageiros por ano para 44 destinos em todas as regiões do país. Opera atualmente seis voos internacionais diretos: um para Lisboa, três para os Estados Unidos, dois para Lima - Peru, além de outros voos internacionais com escala (INFRAERO, 2011). Por ser um

aeroporto deste porte e relevância, possibilitou uma observação direta bastante frutífera pela quantidade e qualidade dos dados que levantei e pela sua estrutura interna, física e funcional.

Em meio às minhas pesquisas, pude observar situações e características não só do aeroporto em questão, mas que podem ser notadas em outros. Primeiro: aeroportos são espaços públicos de encontros, mas não necessariamente de interação. Os grandes aeroportos tendem a parecer frios pela sua padronização de infra-estrutura, pois necessitam preencher certos quesitos de segurança e engenharia padronizados por organismos reguladores (a ANAC, por exemplo). São lugares onde milhões de pessoas transitam, mas a convivência não necessariamente mascara o sentimento de isolamento que se impõe. Uma entrevista com uma passageira norte-americana foi bastante ilustrativa desta afirmação. Apontou o fato de que todos ao nosso redor naquele momento estavam, de certa forma, isolados em seus mundos virtuais, usando computadores e celulares, ou seja, havia uma grande interação, não entre as pessoas que se encontravam naquele lugar, mas delas com outras pessoas fisicamente ausentes.

Vale ressaltar que essa característica de isolamento das pessoas no meio de uma grande multidão não se resume ao comportamento apenas das pessoas nos aeroportos. Como Marc Augé colocou, um “cenário urbano e contemporâneo,” como shoppings, centros comerciais, metrô, ônibus e outros, “descortina um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão” (Augé, 1994, p.) muitas vezes não havendo interação entre os frequentadores. Assim, pode-se considerar esta qualidade de isolamento dos indivíduos em uma grande massa uma característica inerente às situações e contextos provenientes da modernidade, tendendo a se potencializar com o tempo.

Como havia pontuado inicialmente, o aeroporto carrega traços que o definem como símbolo de representação da sua localidade e cultura. No item anterior pode-se ver a arquitetura como elemento de representação da cultura chinesa, nele existindo vários outros elementos que reforçam essa ideia. Apesar de uma representatividade mais sutil, outros elementos são as lojas do aeroporto. Elas vendem produtos típicos e tradicionais para serem consumidos como lembranças da região. Há também restaurantes da cozinha regional que oferecem ao viajante uma oportunidade de

experimental a conhecer a culinária local. Por exemplo, na Bahia, encontram-se quiosques de acarajé, já em Recife, lojas que vendem “bolo de rolo”, em Buenos Aires, alfajores e, em Brasília, na falta de uma culinária típica, lojas que vendem souvenirs da famosa arquitetura brasiliense. São lojas que transmitem no primeiro contato o estereótipo cultural pelo qual aquele local é conhecido. Por outro lado, há elementos bastante comuns a quase todos os aeroportos, além das estruturas básicas de funcionamento padronizados para todos. Como signo de modernidade capitalista, a tendência é transformá-los em “aeroshoppings” com o intuito de incentivo ao consumo, tornando-os atraentes como um centro de convivência. No aeroporto de Brasília, por exemplo, encontram-se 130 lojas, salas de cinema, uma ampla praça de alimentação, área para exposição de obras de arte e um oratório.





Apesar da crescente popularização do transporte aeroviário em camadas de menor poder aquisitivo, apenas cerca de 5% da população brasileira tem acesso a este meio de transporte. O perfil nacional predominante do viajante é o sexo masculino, assalariado, entre 25 a 50 anos, que viaja várias vezes ao ano, geralmente a trabalho ou negócios. Quanto aos frequentadores do aeroporto, é importante ressaltar algumas características do recorte feito na pesquisa. No aeroporto de Brasília, dentre as 49 pessoas que entrevistei, que estavam em trânsito à espera de suas viagens, apesar da tentativa de fazer recortes aleatórios, algumas limitações sérias se manifestaram, levando-me a fazer escolhas mais específicas e limitadas do tipo de passageiros a entrevistar. Por exemplo, com as poucas pessoas de menor nível de instrução, escolaridade ou de pouca idade que contatei, senti dificuldade de adquirir respostas sobre o assunto abordado na pesquisa, pois a minha abordagem parecia ser algo complexo ou abstrato demais para as condições de tais indivíduos. No primeiro momento, para todos os níveis entrevistados, uma abordagem como essa soou como um

fenômeno de difícil compreensão e pouco comum. Mas após uma breve explicação e passado o impacto, as pessoas mais esclarecidas conseguiam desenvolver opiniões sobre o assunto. Devido a essa barreira, houve a necessidade de abordar viajantes que no primeiro momento passassem a impressão de maior desenvoltura e nível de instrução. Por isso, mais de 90% dos entrevistados possuíam curso superior (sendo coincidentemente muitos, professores universitários) e se situavam acima da faixa etária de 35 anos. Como já colocado, por Brasília ser a sede do governo, seu teor político é muito grande, acolhendo perfis específicos mais frequentes, como políticos, homens de negócios e funcionários públicos. Isso demonstra mais uma vez como um aeroporto, sua estrutura e seu público, podem espelhar características de sua região, sejam elas culturais, políticas ou econômicas.

A seguir, antes de entrar na análise mais detalhada dos resultados da pesquisa, preciso explorar mais o debate teórico sobre tempo e espaço.

2 O BERÇO SOCIAL DO TEMPO

Já nascemos em um mundo com uma experiência tempo-espacial herdada historicamente: a unidade de tempo, o *segundo*, e o calendário gregoriano de origem cristã ditam a passagem de nossos dias. Talvez por isso, refletir sobre ou questionar aspectos tão naturalizados em nossa existência seja um exercício complexo de realizar. Afinal, só existimos em um dado tempo e espaço e, sem essas categorias, nada é humanamente pensável. Assim sendo, concordo com Leach que diz que “a regularidade do tempo não é uma parte intrínseca à natureza; é uma noção fabricada pelo homem, que nós projetamos em nosso ambiente para os nossos próprios objetivos particulares” (LEACH, 1974, p. 205).

Ao abordar conceitos como tempo e espaço por um viés sociológico e antropológico é necessário fazer sempre uma menção a trabalhos como “As formas elementares da vida religiosa” (1912) de Émilie Durkheim. O sociólogo inaugura um novo campo de discussão trazendo indagações sobre as categorias tempo e espaço para a análise das ciências sociais. Para Durkheim, as categorias fundamentais do entendimento como o tempo e o espaço são quadros mentais nos quais nossa realidade é pensada. Tudo que é concebido pelos indivíduos em suas sociedades é tornado inteligível por meio de tais categorias. Elas existem em todas as sociedades humanas, sem exceção. Entretanto, a maneira como são expressas difere culturalmente. O tempo para Durkheim não é um fato dado pela natureza, mas sim em são noções derivadas da vida social. De fato, a representação coletiva do tempo é que cria e molda a experiência temporal. Este é representado e pensado por meio de processos de medição e divisão de signos objetivos socialmente constituídos. O tempo ditado e expresso por um calendário é o ritmo e a regularidade das práticas sociais coletivas e não uma periodicidade definida por processos naturais.

O sociólogo afirma também que tais categorias passam por processos de desenvolvimento e de evolução. Assim, em sociedades primitivas, as categorias estariam menos influenciadas por elementos exógenos, seriam mais evidentes do que em sociedades “mais diferenciadas” que possuem uma complexidade maior em sua

estrutura. As sociedades mais complexas possuem fatores externos aos processos e ciclos naturais que são mais determinantes e influentes. Diante de tal afirmação, evidencia-se a dificuldade de pesquisar um fenômeno de tamanha complexidade que envolva categorias de espaço e tempo em uma sociedade como a ocidental contemporânea e globalizada. Existe uma grande quantidade de elementos exógenos e artificiais que influenciam, moldam e modificam tais categorias. Identificar algumas e perceber em quais níveis influenciam a percepção da realidade e do self de cada indivíduo é a empreitada que, humildemente, intenciono fazer.

Em consonância com Durkheim, Norbert Elias (1998) defende também a ideia do tempo como símbolo social e como instrumento humano de orientação no mundo. Entretanto, diferentemente de Durkheim que afirma que tal categoria “nasceu na religião e da religião” (1915, p. 9), Elias toma a noção de tempo como produto com “alto grau de síntese desenvolvida e acumulada ao longo dos anos”, uma “síntese da experiência social humana”. Para ele a noção de tempo só pôde ser construída pelo acúmulo de conhecimento que sedimentasse uma base necessária para seu nascimento (ibid). Ela não surgiu instantaneamente no seio de uma sociedade primitiva. Foi cunhada e desenvolvida em um processo, ao longo das gerações, como herança histórica. Ainda para Elias, o “tempo” também não é uma ideia inata, ou seja algo com base biológica. Ele seria fruto de uma aprendizagem histórica e social, não inerente ao ser humano. Os meios de mensuração do tempo foram metamorfoseando-se em cada época e ao longo de uma crescente autonomia do homem perante o meio ambiente.

Os conceitos relativos ao tempo foram se tornando cada vez mais complexos. Nas palavras de Elias “a cronologia foi se tornando mais dependente de dispositivos artificiais para orientar e regular as atividades sociais, mas nunca se tornou completamente independente de escalas naturais de medição do tempo” como as fases da lua, ciclos das estações do ano, etc. De fato, entendo que em função do crescente desenvolvimento tecnológico da sociedade, a tendência é uma maior independência e um maior domínio sobre os processos naturais, fisiológicos ou externos, criando uma autonomia do homem perante a natureza sem precedentes na história. Além dos já citados, há vários outros importantes trabalhos sobre a discussão da natureza social do

tempo e do espaço como os de EVANS-PRITCHARD (1940), de LÉVI-ESTRAUSS (1962) e o de LEACH (1974).

2.1 A “CULTURALIDADE” DO TEMPO PSICOLÓGICO

Além do enfoque social e antropológico, existem estudos empíricos com enfoques cognitivos que também abordam cultural ou interculturalmente as diversas causas e consequências das questões temporais. Este tipo de perspectiva assume a dependência de aspectos culturais para o desenvolvimento de processos cognitivos como a percepção e conceitualização do tempo. (ver, por exemplo LEBEDKO, 2001; ZINKEN, 2007). Apesar da convergência em relação ao elemento “cultura” como influente na formação de categorias, para além do que se analisa na perspectiva antropológica, as análises cognitivas estudam como elementos culturais moldam o self e a psique humana.

No âmbito da percepção do tempo, existe sempre uma dificuldade em lidar com ela pois, diferentemente de percepções sensoriais, a temporal não depende de nenhum sentido físico, ele é percebido através de outros parâmetros. Existe uma enorme variação não somente nos padrões de determinação do tempo, mas também na percepção da decorrência ou duração do tempo. Estas diferenças culturais nos padrões estabelecidos de contagem do tempo e determinação do espaço podem ser encontradas também internamente às próprias culturas. Diferentes faixas etárias, classes sociais e situações e condições psicológicas específicas acabam por gerar diferentes percepções nos indivíduos de uma mesma cultura. Percebe-se assim uma “relativização” da percepção tempo-espacial, tanto nos aspectos interculturais, quanto nos aspectos psicológicos intracultural.

Segundo Alfred Gell (1992) existe um tempo pensado e um tempo sentido. O tempo pensado seria o quanto racionalizamos que durou determinado evento, enquanto o tempo sentido é a medida de uma duração sentida internamente, ainda que fora da realidade. O tempo pensado não é fundamentado no tempo sentido, ele é inferido por

meio de elementos exógenos dados por um mundo exterior ao indivíduo. Dessa forma, o tempo objetivo do mundo real não é lido da mesma forma por todos, variando subjetivamente de acordo com vários fatores. Ele sempre vai ser pensado e sentido. Por exemplo, à espera de uma ajuda em uma situação emergencial o tempo decorrido pode ser sentido pela vítima como uma eternidade, porém, na possibilidade dessa vítima poder racionalizar, saber o tempo decorrido, haverá uma resposta bem mais coerente com a realidade, isto é, o tempo pensado.

Pesquisadores de origens diferentes (França, Alemanha e Polônia) presumindo as diferentes formas de perceber o tempo entre eles, devido às diferentes origens, quiseram levantar que tipo de orientação temporal cada um possuía. Examinaram esses aspectos tanto em nível individual quanto nas nacionalidades de cada um. Chegaram ao resultado que, de forma geral, o tipo de orientação temporal depende de cada cultura. Os franceses foram considerados orientados para o presente, os poloneses para o passado e os alemães para o futuro. Entretanto, essas percepções também serão distintas dependendo da fase que a pessoa se encontra (infância, adolescência, fase adulta ou melhor idade). Existindo semelhanças e diferenças em algumas fases quando se compararam as três nações. Os alemães, os franceses e os poloneses convergiam para uma orientação para o passado quanto mais envelheciam, ou seja, são bastante preocupados na manutenção e restauração das tradições e por isso são bem informados quanto à história do país, da família, do lugar onde trabalham, etc. Na fase dos primeiros anos, por outro lado, as três nacionalidades coincidiam para uma orientação temporal voltada para o presente, não possuíam a consciência do tempo e só o que importava era o que ocorria no momento. Conclui-se que a bagagem e contexto cultural atual influenciam, mas dependendo da fase da vida onde se encontra pode-se ter uma ou outra percepção temporal.

É interessante citar que essa característica de serem orientados para o passado e perceberem a ocorrência mais lenta do tempo em indivíduos na faixa etária da melhor idade, que estão geralmente aposentados, é bastante frequente ao longo das culturas. Supõe-se que por motivo de não mais estarem profissionalmente ativos e, consequentemente, não participarem no ritmo de vida profissional dinâmico com todas as suas exigências e já estarem em uma fase da vida onde suas realizações familiares e

profissionais já estão estabilizadas, possam perceber o tempo dessa forma. Além de serem orientados ao passado, vários entrevistados disseram que quando nessa faixa de idade o tempo parece “passar mais devagar”, independentemente de fatores externos.

Outra investigação que expõe como as distinções de percepção temporal podem se dar por especificidades culturais ou diferenças sociais é a de Rousseau & Venter (2003). Em um ambiente transcultural, as diferenças sócio-demográficas – gênero, idade, educação e renda - estabelecem também diferentes percepções do tempo, mostrando que tais diferenças geram impactos diretos no gerenciamento e na produtividade em função do tempo. Em uma mesma cidade da África do Sul, Port Elizabeth, os cientistas analisaram 3 grupos com línguas maternas diferentes (Inglês, Afrikaans e Xhosa). Descobriram que a língua, o gênero, o nível de escolaridade e, especificamente, a idade e a renda eram fatores que estavam diretamente relacionados com o tipo de percepção e a forma de gerenciamento do tempo de cada grupo. Os ocidentais, norte-americanos e europeus do norte, pertencentes ao grupo falante da língua inglesa e que possuem a conduta de fazer uma coisa de cada vez, sem sobrepor as atividades, possuíam o tipo de gerenciamento de tempo que chamaram de padrão M-time. Ao passo que em culturas do Oriente Médio e África, pertencentes ao grupo de falantes da língua Afrikaans e Xhosa, o padrão regular é o padrão P-time, com o comportamento de se envolver em uma variedade de atividades ao mesmo tempo e possuir fraco comprometimento com a pontualidade.

A cultura é também responsável por fornecer a base estrutural para o desenvolvimento dos conceitos (ideias) que permitem nos orientarmos temporalmente. O termo conceito é definido como o “produto de processos cognitivos de conceitualização do mundo. É uma união de memória, campo léxico mental, sistema conceitual e linguagem mental de uma cosmovisão refletida na psique humana” (KUBRYAKOVA et al. *apud* LEBEDKO, 1996, p. 90). Esta cosmovisão será proporcionada pela cultura na qual o indivíduo está imerso, dessa forma, os conceitos temporais e outros que serão formados expressarão os princípios que regem a sua cultura.

Maria Lebedko em um estudo comparativo entre russos e norte-americanos pôde perceber como a conceitualização do tempo e expressões temporais entre eles variam,

podendo ser similares, parcialmente similares ou contrastantes. A cientista analisou expressões temporais que denotavam conceitos éticos, monetários, paramétricos e outros de cada cultura e por meio dos diferentes focos destas expressões concluiu que intrinsecamente a elas encontravam-se valores e características culturais de cada um. Em um dos exemplos que é citado na pesquisa, mostra que até o mesmo conceito paramétrico difere entre culturas, como palavras genéricas para dia e noite. A duração de uma noite para russos (até 4 da manhã) é diferente da duração para norte-americanos (até meia-noite)

Assim, pode-se perceber que por trás de processos cognitivos de construção de conceitos está implícita uma malha de significados, valores e ideias culturalmente forjados. Entretanto, demonstra-se também que ao mesmo tempo em que diferenças de percepção e de conceituação do tempo ocorrem em diferentes culturas, essa mesma heterogeneidade pode ocorrer dentro da mesma cultura. Ou seja, características de gênero, idade, classe social e outras dentro de uma mesma sociedade poderão gerar percepções temporais distintas. Demonstra-se também que existem diferenças entre visões temporais individuais e as que predominam na própria cultura ou país.

Em função dessa análise, sustento no presente trabalho a premissa essencial da natureza social/humana das categorias de tempo e espaço e suas relevâncias quanto ao duplo papel que possuem em uma sociedade: o de influente e o de influenciado. Assim como ela é moldada por uma sociedade/cultura, ela também molda a estrutura e práticas sociais. Nas próximos capítulos encontraremos o desenrolar desse processo dialético entre o tempo e o espaço modernos e o homem, no qual a posição de subjugado e dominador se intercalam a todo momento e tendendo a um movimento impositivo pela exatidão temporal cada vez maior que os artefatos tecnológicos nos proporcionam.

2.2 BREVE HISTÓRIA DO TEMPO MODERNO

Propõe-se explorar um tipo de tempo determinado, iniciado em um período específico – a partir do século XIX - em uma sociedade específica – a ocidental - com

valores culturais capitalistas. O termo “tempo moderno” que utilizarei aqui não se refere ao período chamado de modernidade, mas sim a um período de mudanças tecnocientíficas ocorridas no final do século XIX que impactou a forma de conceber e experienciar o tempo e o espaço (KERN, 2003), criando os padrões e ritmo pelos quais vivemos hoje.

O aspecto material que trouxe a primeira mudança para uma uniformização do tempo público foi a invenção do relógio mecânico no século XIV. Cada cidade possuía um horário oficial local de acordo com a posição do sol (tempo solar), mas ao final do século XIX ocorreu a introdução do “World Standard Time”, uma rede mundial coordenada do tempo. Até então, a existência de diversas “Time Zones” em um único país, Alemanha, por exemplo, dificultava a integração para diversas atividades políticas e militares (KERN, 2003). Entretanto, neste mesmo período, houve grandes desenvolvimentos tecnológicos vinculados à compressão do espaço-tempo como o advento do telégrafo nos sistemas de comunicação e as ferrovias nos sistemas de transportes. Apesar da variedade de fusos em um mesmo território nacional trazer incômodos políticos, foi por motivações comerciais de companhias ferroviárias que o tempo padronizado (Standard Time) foi implantado. O fato de ter que fazer um percurso ao longo dos Estados Unidos e passar por 80 diferentes fusos complicava o funcionamento e causava prejuízos aos lucros das companhias. Assim, em novembro de 1883 as companhias ferroviárias implementaram um tempo uniforme. A partir de 1884, na Conferência “Prime Meridian” em Washington, 25 países propuseram estabelecer Greenwich como o meridiano zero, dividindo a Terra em 24 fusos de uma hora cada, fixando assim um começo preciso do dia universal (KERN, 2003). Essas mudanças que produziram uma padronização tanto das horas quanto dos dias, semanas e anos visavam a racionalizar o tempo público e criar um tempo homogêneo para “ordenar as diversas experiências temporais de vida” (KERN, 2003), se opondo ao tempo particular, tão heterogêneo em sua manifestação e tão possuidor de um ritmo próprio, o ritmo pessoal de cada ser humano. Essa criação de padrões artificiais de contagem do tempo causou uma maior independência dos fatores naturais e um maior controle do homem sobre o tempo e sobre ele próprio dada a natureza coercitiva do tempo. Apesar da complexificação de vários âmbitos da sociedade moderna ocidental, a coerção onipresente e onipotente do tempo ainda se impõe (ELIAS, 2010). Não nos tornamos

menos escravos do tempo do que antigas civilizações que levavam seus ritmos de vida ditados por ciclos de fenômenos naturais. Pelo contrário, com a evolução da determinação e da contagem do tempo e espaço para mecanismos artificiais mais acurados, como o relógio e o calendário, surgiu a necessidade de uma maior precisão temporal na conduta dos indivíduos e em suas atividades. Essa nova realidade pode ser interpretada como uma maior e diferente “escravidão” ao tempo.

3 GLOBALIZAÇÃO DO TEMPO-ESPAÇO

Com a modernização dos tempos, a realidade tecnológica foi se tornando cada vez mais apurada, a conjuntura política e econômica mundial se modificou muito e hoje vivemos em um contexto mundial chamado de globalização. Esse termo nos transmite a ideia de que “vivemos todos em um único mundo” (GIDDENS, 2000), uma unidade, compartilhada por todos. Concebe-se, normalmente, a globalização como fenômeno de natureza econômica de extensão global que vem integrando, por meio da difusão de sistemas de comunicação e de meios de transportes, todos os cantos do planeta (HARVEY, 1989). A “unificação” ocorre também na dimensão política, cultural e tecnológica.

Entretanto, Zigmunt Bauman (1999, p.7) ironiza o termo globalização por “estar na moda” e diz que “todas as palavras da moda tendem a um mesmo destino: quanto mais experiências pretendem explicar, mais opacas se tornam.” É um conceito que, concomitante ao seu caráter totalizante abrangendo tantos fenômenos que hoje ocorrem, carrega uma conotação vaga; na tentativa de tudo explicar, falha ao tentar ele mesmo ser explicado, pois perde-se o foco. De fato, pode-se perceber pelas respostas de meus informantes no aeroporto, que se percebe a falta de acuidade quanto à noção do que é globalização. Inferia-se que globalização era sinônimo de diversas coisas, de modernidade, de tecnologia, de internet, de cultura norte-americana, de capitalismo, “algo”, “uma entidade” que englobava a todos e de forma relativamente uniforme e padronizada. Obviamente, não poderia se pedir uma exatidão conceitual do senso comum, e, apesar de opiniões que se assemelhavam, as respostas foram bastante esclarecedoras, dado o alto nível de escolaridade das pessoas entrevistadas pois, sabe-se que, apesar do esforço de popularização do transporte aeroviário, ainda é um meio de transporte elitizado.

Existe muita controvérsia e pouco consenso no meio acadêmico/científico quanto à natureza histórica do fenômeno de globalização. A esse respeito, Ted Lewellen (2002) apresenta três perspectivas mais recorrentes sobre a concretude da globalização. A perspectiva cética, a evolucionista e a hiperglobalista. Na primeira, prevalece a ideia de que a globalização ou não existe ou foi uma ideia excessivamente vendida, superestimada pois, ao exemplo da migração de pessoas – considerada um elemento

chave desse processo – já obteve uma expressão muito maior nos movimentos migratórios do século XIX. O mesmo paradigma considera a formação de blocos econômicos e políticos muito mais uma regionalização do que uma globalização, pois fortalece grupos nacionais específicos e não um todo planetário. Questiona também a homogeneização cultural a partir do momento em que tem havido um crescimento expressivo de organizações locais, tanto de aspecto religioso quanto étnico. Já do ponto de vista evolucionista, a globalização é encarada como um processo de evolução com raízes estabelecidas no passado há séculos atrás, mas que não emergiu de forma revolucionária. “O que vimos não é algo novo, mas apenas o desenvolver da lógica da expansão do capitalismo” (LEWELLEN, 2002, p. 10). A novidade estaria no nível, no grau e não no tipo de processo, pois se olharmos aos processos culturais, políticos e econômicos imperialistas ocorridos na virada do século XX, observaremos a similaridade destes com a globalização, não havendo uma ruptura ou uma mudança drástica em seus processos mais internos. Uma mudança na forma, não no conteúdo. Por último, a teoria da hiperglobalização se contrapõe completamente às duas anteriores. Esta afirma que estamos, vivenciando algo completamente novo diferente de tudo experimentado anteriormente e que irá, definitivamente, modificar a natureza da vida humana. Esta abordagem considera o fenômeno da globalização como uma nova era, uma disjunção dos processos passados, apresentando uma realidade completamente nova e inovadora. A ideia de desterritorialização, seja de produção, seja de finanças, é fundamental nessa perspectiva. Na verdade, as coisas, as pessoas, o dinheiro, enfim, tudo é desterritorializado e transferido para um fluxo em uma rede sempre em movimento. São eles: fluxos migratórios de pessoas, fluxos de dinheiro eletrônico, fluxos de produtos por meio das transnacionais e fluxos de informação por meios das redes de comunicações. Culturalmente, existiria o predomínio da hegemônica cultura ocidental representada pela cultura norte-americana. Sua ideologia capitalista/consumista seria espalhada e vendida através de várias vertentes artísticas (cinema, música, televisão, etc.).

Ted Lewellen diz que na antropologia, de forma geral, predomina a última visão: a de um processo real da globalização, mas com uma ressalva de que a regionalização e o localismo também se constituem como processos reais que ainda não foram suprimidos por esse processo globalizante. Abaixo transcrevo o conceito de

globalização do autor que sintetiza de forma representativa a ideia que pretendo abordar aqui:

A contemporânea globalização é o crescente fluxo de negócios, finanças, cultura, ideias e pessoas proporcionado pela sofisticada tecnologia de comunicação e viagens e pela difusão mundial do capitalismo neoliberal e é também, as adaptações e resistências locais e regionais contra estes fluxos (Lewellen, 2002, p.78)

Nessa noção de globalização ressalta-se outros aspectos que não o econômico, mostrando que sua abrangência vai além de uma mundialização e integração apenas econômica e política dos países, influenciando em todos os aspectos sociais. A alta conectividade econômica de mercados (nacionais, financeiros) em nível global produz consequências que ultrapassam as suas barreiras e produz crescente fluxo de ideias, informações e pessoas, conectando densamente a todos, a tudo e a todos os lugares. Ou seja, globalização não diz respeito apenas aos grandes sistemas, é também um fenômeno que influencia aspectos íntimos e pessoais do ser humano, fazendo com que aspectos da vida corrente afetados por ela sejam tão importantes quanto os mercados que influencia. Assim, aspectos sócio-culturais e psicológicos humanos não perdem importância (GIDDENS, 2000) pois os vários processos dessa rede complexa global alteram definitivamente o quadro de nossas vidas. Por isso, ao analisar em separado um dos processos exacerbado por esse movimento global – a compressão espaço-tempo - pode-se identificar o que de geral e de particular tal movimento produz e que tipos de percepções são apreendidas ou criadas na subjetividade dos indivíduos baseadas nesse novo contexto de uma cultura mundial.

Analisar o fenômeno da compressão espaço-tempo por uma abordagem antropológica significa estudar mais que o entendimento de sua macroestrutura econômica e política: é preciso entender como certos elementos causadores de tal fenômeno impactam e moldam a percepção de tempo-espaço e como influenciam camadas da vida social e privada, no caso aqui, dos viajantes entrevistados. Dessa forma, colocando os estudos acadêmicos sobre a globalização como pano de fundo, o meu objetivo será captar, a partir das pessoas entrevistadas que participam desses fluxos, como essa compressão espaço-temporal é sentida nas suas práticas diárias, quais suas causas e como e em quais esferas de suas vidas ela se manifesta e influencia, direta ou indiretamente.

3.1 TEMPO FORMAL GLOBAL

Edward Hall (1959) classificou o tempo em 3 níveis: o tempo formal, padrão de tempo estabelecido para todos e que é familiar a todos; o tempo informal, relacionado a expressões situacionais ou imprecisas, como “mais tarde”, “em um minuto” que possuem significados construídos culturalmente, e o tempo técnico que é o tempo pensado “tecnicamente” de natureza “artificial” e padrões historicamente constituídos e modificados ao longo da história, como as unidades de tempo cronológico que utilizamos hoje. É interessante ressaltar que, apesar dessa distinção e categorização em 3 diferentes níveis de tempo, elas se interagem e se comunicam, intercambiando as formas de se impor umas sobre as outras dependendo da situação vivida pelos indivíduos. Logo, o fato de termos um tempo formal, comum a todos em uma sociedade ou, como hoje, comum a “todos no mundo”, não anulará as formas de lidar com o tempo de maneira mais informal. O tempo e o espaço se expressam através de uma “linguagem silenciosa”, oculta, inconsciente e subjacente à linguagem e atitudes explícitas das pessoas (HALL, 1959). Isso quer dizer que a forma como os autóctones de uma dada cultura conduzem e utilizam esses “tipos” de tempo expressa muitos dos valores e princípios de sua própria cultura.

Em uma de suas pesquisas no Brasil, Edward Hall apontou uma característica encontrada na conduta dos brasileiros de lidar com o tempo. Ele afirmou que existe uma frouxidão quanto à pontualidade brasileira. Agendar um encontro com outra pessoa às 18:00h e chegar 10, 15 ou até 20 minutos atrasado é algo culturalmente aceitável. Este tipo de atitude em outros países como EUA ou Japão é compreendido como um insulto ou descaso com a parte que espera. Esse tipo de comportamento específico de tratar o tempo, nos leva a inferir certas características culturais que pressupõem um juízo de valor. Afinal, o que o atraso brasileiro “realmente” quer dizer? Descaso, falta de respeito ou apenas uma forma diferente ao comportamento estrangeiro e comum ao brasileiro de lidar com o tempo? Assim sendo, pode ser problemático lidar com formas culturalmente diferentes de tratar o tempo pois, o que pode ser coisa normal para uma cultura, para outra pode significar descaso. Entretanto, hoje há o fato de seguirmos um

determinado padrão de tempo e de conduta como referência mundial: o tempo norte-americano. Assim, esse tipo de conflito tende a diminuir.

O mesmo autor descreve o tempo norte-americano e seus valores subjacentes. Diz que, de forma geral, a sociedade norte-americana trata o tempo como algo material, “we earn it, spend it, save it, waste it.” (p.7). Esse tipo de concepção do tempo demonstra valores de uma cultura pautada em princípios materialistas/capitalistas, podendo ser sintetizada em uma frase bastante famosa e representativa: “Time is Money”. O autor afirma que os norte-americanos vivem uma relação muito intensa e séria com o seu sistema de tempo. Chegam a ser obcecados por ele, sofrem grande pressão e tensão para segui-lo e cumpri-lo, chegando até a ter distúrbios que passam da ordem emocional e psicológica para a ordem física, como úlceras ou hipertensões.

A descrição dos valores do tempo “tipo norte-americano” é relevante pois ele representa os valores e características do sistema de tempo formal predominante no contexto mundial. Percebe-se, então, uma das características apontadas como inerente a um mundo globalizado: a disseminação mundial dos padrões da cultura hegemônica, no caso, a dos EUA. Dessa forma, o que se tem é a disseminação de um padrão de sistema de tempo e de sua utilização perpassadas pelos padrões norte-americanos. Tomo a liberdade de me apropriar da categoria de Hall e chamá-lo de Tempo Formal Global. Significa dizer que a forma como o tempo é conduzido e manipulado pelos norte-americanos, principalmente nas esferas econômicas e de negócios, é a forma como grande parte das pessoas inseridas nessas práticas tendem a viver. Consequentemente, apesar de haver condutas específicas em cada cultura no lidar com o tempo, o que se percebe atualmente é uma imposição mundial de comportamento e conduta comuns a todos que se inserem no sistema mundial da globalização. Em geral, os entrevistados concordaram que o ritmo de vida é ditado pelo fator econômico e de negócios e, pelo fato de as transações e negociações serem cada vez mais internacionais, a forma de lidar com o tempo e o ritmo de realização das atividades é normalmente ditada pelos principais centros econômicos mundiais (ex: EUA, Japão, Europa, etc)

4 VIVENDO A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO

Segundo David Harvey (1989) a conjuntura que vivemos foi modificada pela acumulação flexível, na qual a utilização e o significado das categorias de espaço e de tempo vem sendo reformuladas à luz de novos contextos político-econômicos e culturais. Muito fala-se acerca de uma compressão do espaço e aceleração do tempo nas últimas décadas. Mas o que realmente isto quer dizer? Apesar de soar como algo metafísico (como alguns de meus entrevistados acreditaram se tratar), tal fenômeno é consequência direta das novas possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento dos meios de transporte e sistemas de comunicação.

A aceleração do tempo originou-se no aumento da velocidade da produtividade, consequentemente, incentivando e aumentando a velocidade e a quantidade de consumo e de trocas (HARVEY, 1989). Desencadeou, dessa forma, todo um processo que envolve vários outros sistemas como os de comunicação e os de transporte que estão associados sobre vários aspectos às questões econômicas. Mas Harvey acrescenta também que sua influência difundiu-se além desses limites, atingindo âmbitos de cunho sócio-culturais e, também aspectos privados da vida das pessoas. Ainda segundo ele isso resultou em consequências “particulares nas maneiras pós-modernas de pensar de sentir e de agir” (HARVEY, 1989).

Em minha etnografia realizada no aeroporto, foram entrevistados funcionários públicos, profissionais autônomos e liberais. A maioria dessas pessoas está inserida no cenário de negócios e urbano, e lidam com o mesmo Tempo Formal Global, seguindo normalmente um mesmo ritmo e os mesmos padrões de conduta ao lidar com o tempo. Consequentemente, também são afetados de forma similar pelos mesmos efeitos desse tipo de sistema temporal e a primeira consequência disso, relatada como bastante frequente, é o stress urbano.

4.1 O STRESS

Segundo os entrevistados o stress é causado pelo excesso de informações, pela rapidez das mudanças, pela pressão das demandas do mercado e das empresas aos quais somos expostos e pela impossibilidade humana de realizar tantas exigências que ocasionam tanta ansiedade e frustrações nas pessoas. O stress é um dos exemplos do que se conhece como “doenças da modernidade”. A sobrecarga mental e emocional gerada por ele afeta a saúde e a qualidade de vida das pessoas. Um engenheiro florestal comentou que estava lendo um livro que dizia que o cérebro humano processa uma coisa de cada vez e que essa “enxurrada” de informações acontecendo ao mesmo tempo faz com que a sobrecarga no cérebro cause o stress.

Uma outra opinião sobre as motivações causadoras do stress é de um enfermeiro aposentado, assessor parlamentar. Ele acredita que o stress não é causado pelo excesso de informação a qual estamos expostos, mas sim pela falta de preparo do ser humano para lidar com essa nova realidade. Não conseguimos absorver tanta coisa pois ainda não estamos preparados para isso. De certa forma a revolução tecnológica é muito recente e seu desenvolvimento vem ocorrendo em uma velocidade de difícil acompanhamento, principalmente para pessoas de outra geração. De fato, essa observação é perceptível quando comparadas gerações subsequentes, anteriores e a atual. Uma pessoa nascida no contexto de alta velocidade de mudança e abundância de informações cresce adaptada à ele, sem maiores dificuldades, enquanto que, para pessoas de outras gerações acostumadas a outro ritmo e à outra realidade, a exigência de adaptação é, naturalmente, maior e mais difícil.

Outra causadora do stress seria a situação de urgência demandada para que “tudo seja para ontem”. Com a velocidade de transmissão de informações, a possibilidade de se resolver praticamente tudo eletrônica e virtualmente tem demandado a instantaneidade de resolução de tudo. Hoje, com a rapidez das resoluções, conclui-se em um dia o que antigamente demorava muito mais tempo para ser realizado. Consequentemente, a rapidez passou a ser exigido em tudo. “Tudo virou urgente,

importante. Tudo virou para ontem”, vivemos em um exagero de urgência. Uma urgência muitas vezes desnecessária, mas à qual as pessoas se acostumaram.

A opinião de um dirigente sindical é de que hoje as urgências são muito maiores. Segundo ele, principalmente na área profissional há um crescimento muito rápido não somente em volume de trabalho, mas também na complexidade deste, produzindo uma frustração com relação ao tempo que não rende o suficiente para realizar toda a demanda. Segue dizendo que no mundo cada vez mais competitivo em todas as áreas profissionais, a luta pela sobrevivência exige atualizações e reciclagens frequentes, no ritmo do “frenesi mundial”, sobrecarregando nossos cérebros.

4.2 FALTA DE TEMPO E SEU GERENCIAMENTO

No mundo moderno é constante a reclamação sobre “falta de tempo”. Quais seriam os reais motivos para esta sensação? As duas principais razões levantadas foram o excesso de atividades e de informação e o mau gerenciamento do tempo.

Em um experimento de investigação sobre a percepção do tempo (ORNSTEIN, 1969) cientistas chegaram à conclusão que quanto mais informação se absorve e à qual se expõe em um dado período de tempo, maior é o tempo para a realização de uma tarefa em comparação à tarefa executada em ambiente com exposição de menos informações. Pode-se inferir que, pelo fato de estarmos expostos a tantas informações que nos distraem demoramos mais para concentrar-se e realizar tarefas. Por isso, sentimos muito mais a falta de produtividade e o baixo rendimento.

Somos bombardeados a todo momento por enormes quantidade de informações repassadas em alta velocidade pelas mídias e pela internet. Pessoas estão conectadas 24 horas por dia e passam seu tempo em redes sociais, “navegando na rede”. Essas informações nos atraem e nos tomam tempo de processamento e, embora não sejam essenciais em nossa vida, acabamos convivendo com elas. Quando digo informação, estou me referindo a tudo que nos é exposto para chamar nossa atenção, desde propagandas comerciais, programas informativos, culturais e de entretenimento. Com o acesso proporcionado pela rede mundial de computadores a diversas realidades, tendemos a nos distrair com tudo o que nos atrai.

Quanto ao excesso de atividades, vivemos um paradoxo: ao mesmo tempo em que muitas atividades inovadoras são criadas para ganharmos ou economizarmos tempo, por outro lado a crescente complexidade do mundo nos oferece cada vez mais variedades e quantidades de atividades que faz com que dediquemos mais tempo com elas. Se antes uma viagem de negócios feita por transporte rodoviário durava 24 horas, atualmente, faz-se a mesma viagem em 2 horas e 30 minutos por meio de transporte aéreo. Teoricamente, deveríamos ter ganho mais tempo se não tivéssemos que, em contrapartida, fazer mais viagens pela maior possibilidade de locomoção facilitada e mais acesso a outros lugares, antes inacessíveis.

É inegável o aumento de atividades em comparação com gerações anteriores: academia, curso de línguas, programas familiares, relacionamentos, trabalhos necessitam de maior dedicação e opções existem em maior quantidade. Essa quantidade excessiva de atividades faz com que tenhamos que escolher umas em detrimento de outras; normalmente tende-se a privilegiar atividades profissionais em detrimento das pessoais e das voltadas para a saúde, como afirmou a grande parte dos entrevistados.

Um fato relevante que foi comentado é que, com o avanço da idade, a experiência lapida a seletividade das prioridades, tendendo-se a equilibrar a divisão do tempo entre o profissional e o pessoal. Para eles, apesar da imensa quantidade de informação e de atividades que normalmente nos absorvem e nos circundam, muitas não são realmente essenciais. Não é o excesso de atividades e informações que nos causam necessariamente a falta de tempo, mas a ausência do gerenciamento do tempo para organizar, priorizar e filtrar as mais relevantes. Essa falta de foco é um dos principais aspectos que fazem com que as pessoas se percam no turbilhão de coisas. É onde entra a importante função de gerenciamento do tempo. O gerenciamento do tempo se tornou quase que uma aptidão primordial para a sobrevivência nos dias de hoje, pois sua eficiência ditará uma vida bem mais sucedida em todos os aspectos. É algo necessário para a adaptação a essa nova realidade e para aprendermos a separar o que é relevante do que não é.

De acordo com um entrevistado, um queniano que trabalhava na Europa, a definição contemporânea do uso “eficiente” do tempo para a maioria dos europeus é “o cumprimento da tarefa necessária”. Segundo ele, temos muitas coisas para fazer em um curto período de tempo, mas muitas delas não são essenciais em termos de produção.

Muitas vezes não temos uma forma eficiente de gerenciar o tempo, pois existem muitas coisas que não deveríamos estar fazendo, mas não priorizamos o que realmente importa e o fato de não “desconectarmos” favorece essa falta de prioridade, perdemos o foco, nos distraímos e gastamos tempo com algo que não é necessário. A falta de foco e de seletividade é a principal causa apontada para o gerenciamento ineficiente do tempo. Requer-se filtro e disciplina para reconhecimento das prioridades e exclusão das atividades e informações supérfluas, precisamos “educar o tempo”.

Para uma norte-americana, a falta de tempo não se dá pelo excesso de atividades, pois quantidade de atividades é uma questão de escolha. Não conseguir gerenciar o tempo para realização das suas escolhas é que causa frustração e stress de impotência. Priorizar o que é importante é perguntar: “Será que é mais importante passar um tempo com meu filho ou ler as últimas notícias da internet?”; uma pergunta pertinente de um entrevistado que ilustra a questão acima.

O próprio discurso de “não ter tempo” faz parte de se manter no contexto moderno. As pessoas precisam ocupar seu tempo para criar a sensação de produtividade. Não existe mais “um ócio criativo, um momento reflexivo”, nas palavras de um professor universitário de engenharia civil. “(As pessoas) não querem parar para pensar e refletir sobre a vida, isso nos aliena” diz um padre. É como uma ideologia da falta de tempo. Minha visão quanto a isso é a de que, inseridos em um contexto global capitalista, nossa própria sociedade vem comprando a ideia de valores capitalistas de que é necessário “produzir” mais em menos tempo. A sensação de que temos tempo ocioso - para não dizer apenas livre – onde não estamos “produzindo nada” é negativa para tais princípios.

4.3 RELAÇÕES INTERPESSOAIS COM NOVA ROUPAGEM

A maioria dos informantes eram pessoas de gerações passadas e, por isso possuíam referências, parâmetros morais e valores herdados delas. Acredito que por esse motivo puderam me transmitir ideias relevantes quando falavam sobre as mudanças atuais em comparação (implícita) com as gerações que vivenciaram. Experiências que algumas pessoas jovens que entrevistei não conheciam, pois suas referências eram as do

mundo atual. Segundo os mais experientes, o mundo está passando por um “momento de grande crise de valores”. As instituições estabelecidas secularmente (casamento, família, Igreja, etc.) estão em crise. Seus valores estão sendo modificados e novos padrões estão surgindo. Como exemplo, dá-se as transformações que os relacionamentos afetivos – família, casamento, namoro – estão sofrendo.

Com a velocidade dessas transformações uma volatilidade e efemeridade vêm ocorrendo nas modas, produtos, ideias e valores acentuados pela acumulação flexível. Elas se difundem e mudam com muita rapidez, principalmente pelos progressos do sistema de comunicação (HARVEY, 1989). Inevitavelmente, essa fugacidade vem modificando as relações sociais e as formas como indivíduos interagem com o meio e com as mercadorias. A enorme facilidade de acesso aos bens materiais e às informações e a crescente efemeridade e instantaneidade de seus estados têm obrigado as pessoas a lidar com a “descartabilidade, novidades e perspectiva de obsolescência instantânea, que seguramente mexem com a psicologia humana” (TOFFLER, 1970 *apud* HARVEY, 1989, p.258), prejudicando muitas vezes a possibilidade de uma manutenção de continuidades das coisas e das relações.

Essa qualidade fugaz e de descartabilidade se reflete nas relações interpessoais, segundo grande parte dos entrevistados. A falta de tempo prejudica a manutenção das relações pessoais em detrimento da priorização e maior dedicação à vida profissional. Mesmo as novas relações têm demonstrado caráter de superficialidade e efemeridade. Assim, algumas vezes o “se relacionar” se transfere do âmbito físico para o virtual pois, se não há tempo para uma interação física, ao menos dessa forma algum tipo de manutenção das relações é possível. Também se torna possível a realização de novos relacionamentos, como demonstra o sucesso das redes sociais. “A internet serve p(a)ra buscar novas amizades, mas em uma modelagem diferenciada, a da virtualidade”, nas palavras de um dos professores universitários entrevistados.

Na opinião geral, disseram que o contato virtual (via e-mail, Skype, Facebook, entre outras tecnologias de comunicação) ajuda na manutenção das relações já existentes. Mas o caráter virtual de novos relacionamentos vem normalmente carregado de superficialidade. As pessoas se escondem atrás de “perfis” ou “avatars”, personagens criados de forma bastante maquiada. Em contraste, há quem diga que ao mesmo tempo, essa maquiagem pode se tornar uma forma das pessoas se desinibirem e serem mais

honestas por se sentirem mais seguras e confiantes por trás de uma tela de computador. Ainda na opinião do professor universitário, as relações virtuais podem tanto se estabelecer de forma superficial quanto profunda. Isso quer dizer que a forma pela qual essas novas relações se estabelecerão dependerá de como as pessoas irão lidar com elas. Mas é definitivamente perceptível como a internet fez a interação humana, principalmente a física, se tornar dispensável em muitas situações. Quase não se precisa ir mais ao banco, comprar produtos, sair de casa para resolver muitas coisas, tudo se resolve “on-line” ou via sistema de telecomunicações.

Houve também quem dissesse que a internet, como instrumento, serve para aproximar as pessoas. “Grupos de diferentes partes do planeta” que falam a “mesma língua” podem se comunicar e se “encontrar” virtualmente. As pessoas ainda estão aprendendo a lidar com essa nova roupagem que relacionamentos contemporâneos vêm tomando e, como isso tende a ser uma realidade cada vez mais frequente e um movimento inevitável, é necessário adaptar-se. Porém, este tipo de contato não vai ter a capacidade, ao menos a curto prazo, de substituir o componente humano físico, do toque, do cheiro. De acordo com um advogado:

“Ainda não inventaram nada tecnológico que vá substituir a essência da relação humana que se baseia na proximidade física, pelo menos nas relações afetivas. ‘Pra’ apenas comunicação é excelente, mas para além disso, (a tecnologia) não conseguiu suprir ainda”

4.4 QUEDA DO LIMITE PROFISSIONAL/PESSOAL

Através da complexificação da sociedade e do saber, o tempo, que exerce uma função social, foi se tornando cada vez mais coercitivo para os homens. Principalmente em estados industriais, como os do ocidente, a coerção do tempo tem exigido de maneira crescente maior grau de autodisciplina quanto às normas do tempo social estabelecido. Essa coerção é denominada “processo civilizador” por Norbert Elias (1998), pois em comparação com sociedades mais simples, as sociedades mais complexas exigem maior exatidão temporal em suas atividades e interações sociais para a organização de sua estrutura. Apesar de mais moderada e uniforme que o tipo de coerção física ocorridas em sociedades de estruturas mais simples, tal exigência exerce

maior restrição, provocando uma maior preocupação com a pontualidade. Isto posto, Elias (1998) introduz a ideia do tempo como possuidor de um papel coercitivo na sociedade moderna. Este tipo de atuação do tempo vai muito além de um discurso teórico, podendo se sentir na prática através das afirmações dos entrevistados quando expuseram a intensa coerção e pressão sócio-temporal que sentem pela demanda de cumprimento de prazos profissionais, cobrança de pontualidade, cobrança pessoal de família, relacionamentos e cônjuges.

Esse alto nível de possibilidade de comunicação e acessibilidade entre as pessoas se tornou praticamente ilimitado. O aperfeiçoamento das redes de telecomunicações, tecnologias como a GPS e correios eletrônicos cercam-nos por todo canto, o dia todo. Essa intensa e ininterrupta conectividade que vivenciamos fez com que o espaço profissional invadisse o espaço pessoal. Não se tem mais discernimento de quando é horário de trabalho, quando é horário de lazer, diferentemente do que acontecia anteriormente. Hoje em dia, o espaço profissional persiste mesmo após o término do expediente ou mesmo durante as férias. Quem ousaria deixar o celular em casa ou não acessar a caixa de “e-mails” mesmo de férias? A acessibilidade à rede e às pessoas, onde quer que estejam, trouxe para dentro da esfera pessoal o que antes ficava nos escritórios e só voltava a se manifestar no dia seguinte, no horário do expediente.

4.5 O JEITO BRASILEIRO DE LIDAR COM O TEMPO

Segundo o antropólogo Edward Hall (1990), países como o Brasil seriam categorizados como culturas que possuem um sistema de tempo policrônico. Isso significa que o povo brasileiro é mais propenso a fazer mais de uma tarefa por vez, possui uma certa frouxidão em pontualidade e dá mais prioridade aos relacionamentos e à tradição do que às tarefas, acreditando possuir uma percepção do tempo muito menos formal. Em oposição ao sistema policrônico, Hall classifica a cultura norte-americana como possuidora de um sistema monocrônico no qual se faz uma atividade por vez e onde se possui uma orientação temporal para o futuro.

Em seu livro “The Geography of time” Robert Levine (2006) pesquisou em 31 países sobre fatores que influenciam a velocidade no ritmo de vida. Sua tese é a de que culturas individualistas possuem um ritmo de vida mais rápido do que culturas que enfatizam valores coletivistas. Outra conclusão é a de que “culturas individualistas, comparadas às coletivistas, colocam mais ênfase nas realizações das tarefas do que nas relações” (TRIANDIS *apud* LEVINE, 2006, p.18). Isso significa dizer que o foco de culturas coletivistas são as relações interpessoais e tendem a ter uma atitude mais frouxa referente à pressão e precisão temporal. Contudo, tais categorias não podem ser tomadas como estáticas ou demasiadamente fixas. Primeiramente pela possibilidade de uma estereotipagem das culturas na forma como utilizam o tempo e a velocidade do ritmo de suas vidas, carregando muitas vezes uma carga preconceituosa no julgamento destas. Segundo, pelo fato de que no cenário de um mundo globalizado o ritmo e os parâmetros de conduta de lidar com o tempo e suas consequências são conduzidos obedecendo padrões parecidos aos da cultura hegemônica norte-americana, no que se refere a campos como negócios, mercados ou em meios que necessariamente lidem com relações inter-nações. Dessa maneira, apesar de regionalmente e em seus próprios países os indivíduos se relacionarem em termos temporais de sua própria cultura, na comunicação global o ritmo e os padrões de conduta temporal como pontualidade, fidelidade a prazos, etc. seguem o fluxo e ritmo de tempo normalmente determinado pelas sociedades ocidentais capitalistas industriais.

O Brasil, embora teoricamente tivesse sido classificado como um país com valores mais coletivistas, vem passando por transformações de valores culturais devido ao maior contato com a cultura norte-americana e com o mundo de forma geral. Isso é atestado pela maioria das afirmações dos entrevistados que disseram que a velocidade do ritmo profissional muitas vezes se sobrepõe ao ritmo de vida pessoal, causando uma tomada de decisões que inclui priorizar os projetos profissionais em detrimento dos pessoais. As relações interpessoais com a família e o cônjuge são muitas vezes deixadas em segundo plano, demonstrando que valores de uma sociedade mais individualista estariam sendo praticados de forma mais progressiva. Contudo, uma informação relevante sobre esses profissionais que priorizam suas carreiras e projetos, ao invés de um projeto de formação de família, se relaciona diretamente com o fato de trabalharem no âmbito de empresas privadas. Pelo fato do trabalho de campo ter se desenvolvido em

Brasília, a capital administrativa do país, onde há uma quantidade expressiva de funcionários públicos, foi considerada a relevância de levantar uma comparação entre o ritmo de trabalho do âmbito privado e do público para checar se haveria diferenças relevantes entre elas.

Os profissionais envolvidos no mundo dos negócios privados sofrem a influência e pressão de um ritmo de vida muito mais exigente, com prazos menos flexíveis e tarefas que exigem um planejamento temporal mais rígido. O ritmo das empresas privadas é sincronizado com o ritmo de um mercado global, onde a necessidade de se produzir mais em menos tempo é vital para a própria manutenção do sistema. Para esses indivíduos existe um “tempo de urgência” (LEVINE, 2006, p.19) uma luta para produzir o quanto mais possível em menos tempo. Ao passo que no funcionalismo público o ritmo de trabalho é consideravelmente mais lento atestado pela comodidade de uma menor exigência e a segurança da estabilidade. Dessa maneira, funcionários públicos tendem a se dedicar mais a questões de âmbito pessoal e seu ritmo de vida é conduzido de forma mais lenta e mais suave.

A pesquisa preocupou-se com a questão de se haveria um “tempo” específico do brasileiro, não somente no ritmo, mas também na forma de gerenciar seu tempo e suas prioridades. Muitos afirmaram que o brasileiro, em geral, utiliza o tempo de forma mais “saudável”, prioriza ainda bastante o prazer, “vive mais intensamente, aproveita mais o tempo”. Mesmo assim houve unanimidade no fato de não haver uniformidade cultural quando o assunto é tempo. Tanto quanto existem diferenças culturais entre países, existem também diferenças regionais dentro de um mesmo país. E essa heterogeneidade cultural também se aplica ao tipo de perspectiva temporal que as diversas regiões possuem. A variação cultural ao longo do território brasileiro dificulta uma construção única de um perfil temporal brasileiro. Essas diferenças ficaram bem claras entre as experiências relatadas pelos entrevistados. Indivíduos originários da região Sul expunham a dificuldade de lidar com indivíduos provenientes de outras regiões, do Norte e do Nordeste. Eles argumentavam que estes últimos possuíam valores temporais consideravelmente diferentes dos seus e que a diferença de velocidade na realização de tarefas dificultava a vida e o relacionamento profissional entre eles. Segundo os entrevistados da região sul, os outros (da região norte e nordeste)

“eram lentos” ou “improdutivos”. Verifica-se assim que, mesmo dentro de uma mesma cultura, existe uma gama de variação regional quanto ao ritmo e a postura utilizados para lidar com o tempo. Essa conclusão contrasta com a inferência de Robert Levine em sua pesquisa, que homogeniza um leque de “tempos brasileiros” em apenas um tipo de padrão. Disso, pode-se inferir que essa diversidade de tempos é percebida de forma mais forte entre os próprios brasileiros. Vista por fora, talvez seja um “Brazilian Time” uniformizado como define uma norte-americana entrevistada e o próprio Levine.

Historicamente, estas divergências entre os padrões de tempo e espaço já causaram inúmeros conflitos entre povos (HARVEY, 1989). Parâmetros culturais muito diferentes podem eclodir em atritos quando não interpretados de forma “correta”, à luz da alteridade. Por isso, o entendimento das diferenças de percepção do tempo e de valores que ditam o ritmo de vida é extremamente relevante para relacionamentos interculturais em um mundo globalizado. Sua falta de compreensão abre brechas para um julgamento dos valores do outro em oposição aos seus valores, gerando tipos de estereotipações como dizer que determinado povo é mais “lerdo”, mais improdutivo, etc.

Apenas reforço a necessidade de salientar a condição não estática de um sistema temporal construído histórica e culturalmente por uma determinada sociedade, pois em uma contemporaneidade de enormes fluxos de informação, de pessoas, de mercadorias ocorre uma inegável confluência entre os países, intermodificando seus valores culturais, incluindo também sua perspectiva temporal.

5 “ENCOLHIMENTO” DO MUNDO

A experiência do progresso na modernidade implica a quebra das barreiras espaciais, principalmente a “aniquilação do espaço através do tempo”, (HARVEY, 1989). Isso se traduz em palavras como integração, velocidade, mobilidade e proximidade. Não é o espaço geográfico que foi comprimido, mas as fronteiras nacionais dos Estados-nação é que foram superadas e integradas a um sistema muito maior (GIDDENS, 2000). O processo de globalização e seus “tentáculos unificadores” (BAUMAN, 1999) fizeram a distância e fronteiras geográficas se tornarem irrelevantes, transformando sua natureza objetiva e física em relativa. “Sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida” pelos artefatos do homem. Esta integração produziu um hiperespaço (HARVEY, 1989) e ocorreu majoritariamente pelo expressivo aumento nos fluxos de mercadorias, capital, comunicação e de pessoas. Esse aumento nos fluxos foi possibilitado principalmente pela criação, desenvolvimento e propagação de meios de comunicação e de transportes cada vez mais velozes que vem conectando a todos de todas partes do planeta. Essa sensação de um mundo uniespacial, amplo e uniforme é que dá sentido à compressão espacial, em função do aparente encolhimento das distâncias reais provocado em nome da globalização.

Os principais marcos da história moderna apontados são a invenção e a produção em massa de meios de transportes velozes que permitiram viagens cada vez mais rápidas e a transmissão instantânea da informação. O desenvolvimento da tecnologia dos meios de transportes e da informação deu à mobilidade humana e não-humana uma condição altamente ampliada. Nessa corrida contra o relógio a movimentação de informação supera e muito em velocidade e em quantidade qualquer outro fluxo, graças às novas tecnologias, como a internet. A velocidade e o custo da comunicação e da mobilidade das pessoas e coisas se tornaram quase invariáveis em relação à distância. O tempo gasto para percorrer as distâncias geográficas vem se reduzindo gradativamente. As distâncias têm sido superadas pela instantaneidade do fluxo de comunicação e pela difusão e melhoramento dos meios de transporte com seus aviões, trens e navios cada vez mais velozes.

A modernidade preza pela adaptabilidade, flexibilidade e dinamismo do ser humano (HARVEY, 1989). Mobilidade é a ordem do dia. Para Bauman (1999) “no mundo do pós-guerra espacial, a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado. É a matéria de que são feitas e refeitas diariamente as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial”. Tal mobilidade abrange a tudo e a todos, e não é exercida somente através de um movimento físico. Hoje, move-se mesmo estando parado, virtualmente, pelo celular. Com esses novos elementos tecnológicos, conceitos como longe e perto, vêm se modificando. O contato, a comunicação, o deslocamento se tornam muito reais, possíveis e facilitados. O que é estar longe quando se tem a sensação de proximidade quase física que um programa como o Skype oferece quando se está falando com um parente que mora em Londres? O que é longe quando percorre-se uma distância de centenas de quilômetros em apenas algumas horas por trem bala, como ocorre no Japão ou na Europa?

Uma observação interessante de uma viajante sobre essa enorme facilidade de acesso e comunicação foi acerca da modificação da “saudade”. Segundo ela, a profundidade desse conceito foi abrandada e perdeu-se um pouco de seu impacto, pois ela pode ser compensada de tantas outras formas proporcionadas pelos sistemas de comunicação que quase não se sente ou não se precisa mais senti-la. No seu caso, ela possui um filho que mora em outro estado e sempre que quer falar com ele ou vê-lo, pode acessá-lo de várias formas ou simplesmente pegar um avião para visitá-lo.

A possibilidade e liberdade de movimento já não se deparam com barreiras e dificuldades outrora existentes. A engenharia dos meios de transportes cada vez mais velozes criou essa percepção de “encolhimento” do mundo. Alguns entrevistados relatavam o percurso de suas viagens onde se deslocavam de um extremo ao outro do Brasil, em questão de horas. Pela manhã iam a uma reunião no sul do país, passando pelo norte para outro compromisso e voltando à sua residência no sudeste. O relato de um antropólogo entrevistado foi até mais radical: em 3 dias percorreu 3 continentes diferentes, América, Europa e Oceania.

Claramente, o mundo não diminuiu e muito menos as distâncias geográficas entre os países. Toda essa mobilidade foi possibilitada pelo desenvolvimento dos meios

de transportes, principalmente os aeroviários. As redes de meios de transporte “unificaram” o mundo, derrubando as barreiras das longas distâncias geográficas que separavam os países, as culturas e as pessoas. Com isso, trouxe novas possibilidades de interação, sejam elas econômicas, sociais ou culturais. Entretanto, essa “aproximação de diferentes mundos”, gerou novas situações a serem vividas e suas consequências ainda estão sendo sentidas. Seu impacto tem promovido reconfigurações em todos os âmbitos das sociedades. Discuto a seguir uma dessas consequências na dimensão cultural.

5.1 PROXIMIDADE CULTURAL= MENOS PRECONCEITO?

Não há dúvidas de que as redes de comunicação e transporte “aproximaram” as pessoas, “diminuíram” o mundo. O maior conhecimento de outras culturas se dá tanto pelas infinitas possibilidades de informações a que temos acesso hoje, quanto pela maior possibilidade de acesso a outros povos. O questionamento que fiz na minha pesquisa de campo foi se a proximidade (tanto virtual, quanto física) de outros povos e culturas favorecia uma diminuição de preconceitos e quebras de estereótipos em função de que nessa nova geração as pessoas se encontravam mais “próximas”. A opinião na maioria das vezes foi a de que tem havido um declínio de preconceitos contra o “outro”, proporcionado pelo contato intercultural que as proximidades oferecem. Nas palavras de um médico, “houve uma globalização das culturas no sentido de que elas foram mais divulgadas e melhor conhecidas por todos, quebrando estereótipos e preconceitos”. Ele cita a visão anteriormente divulgada do Brasil como país onde havia índios nas ruas. Outra afirmação sua interessante foi a de que a aproximação cultural por meio da queda das distâncias geográficas tem gerado um processo de rompimento do nacionalismo por parte das pessoas. De forma um tanto profética, afirmou que em um futuro “vamos nos sentir homens do planeta Terra, não ser (mais) homens do país”, reforçando a ideia de um planeta cada vez mais unificado. Também a dificuldade de comunicação por diferenças linguísticas foi diminuída. “Mesmo quem não saiba a língua, temos ferramentas de tradução, temos o Google Translator que ajuda na comunicação”, como diz um homem de negócios se referindo ao programa da Google que disponibiliza

tradução de centenas de línguas e até mesmo a pronúncia das palavras. Para este entrevistado, para as gerações mais recentes que nasceram em um mundo onde já se convive com as diferenças em maior quantidade, em maior profundidade e com maior frequência, a tolerância entre culturas e religiões tenderá a aumentar com o tempo.

Entretanto, houve também algumas opiniões desviantes. Para um padre, a intolerância não depende de fatores como a aproximação cultural e um antropólogo disse que apesar da aproximação cultural derrubar alguns preconceitos, criavam-se outros. Para este, ao mesmo tempo que a informação mais acessível sobre outros povos e culturas podem esclarecer e trazer à tona informações novas que desfaçam a aura de desconhecido da alteridade, podem também construir novos estereótipos ou reforçar os já existentes. Informações disponíveis e repassadas pela grande mídia, por exemplo, podem muitas vezes deturpar imagens, por exemplo, associar a condição de árabe ao terrorismo.

Para um bancário entrevistado, apenas o fato de termos mais contato e conhecimento sobre outras culturas, não necessariamente quebra preconceitos e estereótipos. Segundo ele, a convivência entre as diferentes culturas seria necessária para que isso ocorresse pois, “através da estima que você gera, você releva a diferença cultural”. Cita um exemplo sobre o filme “Expresso do Oriente” que produziu e difundiu um estereótipo negativo em relação à Turquia pela forma como foi abordada sua cultura. “A Turquia é um país muito legal, só que até você descobrir, você tem que ir lá”. Mesmo a educação para ele não é suficiente para uma conscientização: “eliminar o estereótipo pela educação é uma possibilidade, mas é apenas o primeiro passo”. Esse tipo de visão concorda com a perspectiva de que o conhecimento e compreensão do “outro” não geram necessariamente tolerância e aceitação. Desvelando o exótico ou o desconhecido por meio de contatos ou informações sobre suas culturas, a convivência é a chave para tolerância e aceitação.

Em síntese, pude perceber que as pessoas estão se acostumando progressivamente à ideia de uma aproximação e conhecimento mais profundo do outro, tornando-se mais receptivas ao cosmopolitismo e fazendo com que, de fato, preconceitos e estereótipos se abrandem. Em termos de integração humana, considero a mobilidade proporcionada através dos meios de transportes uma das maiores

possibilidades de impacto, pois sugere um encontro direto com a alteridade. Viajar e conhecer outras culturas podem produzir também um sentimento de diversos pertencimentos e, conseqüentemente, fazer com que se relativize o próprio conceito de familiar e estranho. Essa realidade de tolerância e aceitação do outro é comprovada e sentida não somente na interação cada vez mais intensa e frequente entre viajantes e autóctones dos lugares visitados, mas também pelo enorme fluxo de migração de pessoas e seus envolvimento afetivos com pessoas de outras culturas e etnias, por meio de casamentos interétnicos, por exemplo.

5. 2 FADADOS AO MESMO DESTINO GLOBAL?

Uma das grandes discussões sobre as consequências da integração e cooperação a nível mundial é aquela sobre um destino fadado ao universalismo, uma cultura mundial, homogênea em seus padrões e valores, em oposição ao particularismo das culturas, das minorias, do “outro”, de forma geral. A hegemonia política, econômica e cultural exercida por nações como os EUA rege e dita padrões de comportamento que, muitos assumem, tendem a homogeneizar as culturas que encontram em seus caminhos. Em um famoso texto, Marshall Sahlins (1997) expõe o tipo de preocupação acerca da “ameaça ocidental capitalista” que se impõe e alcança todas as culturas, provocando uma uniformização do imperialismo ocidental sobre as localidades mais específicas. Cada cultura apareceria como “antítese de um projeto colonialista de estabilização”, como “anticolonialista”. No século XX, houve um certo receio de que a cultura, como “marcador de diferenças”, se extinguisse rapidamente, principalmente pela tirania de um sistema mundial capitalista que se espalhava rapidamente e que se impunha com hegemonia econômica, tecnológica e política. Nas palavras de Malinowski, citado por Sahlins (1997, p. 50), o objeto de estudo dos antropólogos (as culturas) “se dissolve com uma rapidez irremediável”, causando, assim, um lamento pelo processo de “extinção” e morte das culturas por parte dos antropólogos, e apreensão pela provável impossibilidade de realizar novas etnografias, a essência da antropologia.

Sahlins cita várias teorias que sustentavam que “a modernização levaria o processo de deculturação a uma solução final, visto que os costumes tradicionais eram considerados como um obstáculo ao ‘desenvolvimento’”(SAHLINS, 1997, p. 51). Dessa forma, os costumes e tradições historicamente perpetuados e consolidados eram, através do contato com o europeu, suprimido e substituído por valores e estruturas culturais ocidentais. Claramente, percebia-se a superioridade tecnológica europeia utilizada para dominar e submeter outros povos, ou mesmo a força da dominação cultural que conquistava povos autóctones com todas as suas novidades fascinantes com promessas de progresso, civilidade, modernidade em oposição ao tribal, primitivo, selvagem. Contudo, dizer que tal dominação se impôs de forma uniforme e em toda parte, é supor a incapacidade de resistência cultural de outras culturas, as sociedades não desapareceram, *ainda* estão desaparecendo (SAHLINS, 1997). Ou seja, é inegável o poder alcançado pelo capitalismo, hoje quase nada, nem ninguém consegue fugir de sua influência, mesmo que em níveis diferentes. Mas isso não quer dizer que as diferentes sociedades simplesmente adotem o sistema cultural infligido, deixando para trás suas histórias e cultura. Diferentemente, aderem aos sistemas capitalistas ocidentais dando uma nova roupagem e significação a esses elementos, uma “pitada de seu próprio tempero”: “eles vêm tentando incorporar o sistema mundial a uma ordem ainda mais abrangente: seu próprio sistema de mundo” (SAHLINS, 1997, p.52).

É importante reforçar duas ideias. A primeira é que apesar da hegemonia e da sua influência, em nível global, o sistema mundial capitalista pode ter alcance a todos, mas não necessariamente atingi-los da mesma forma. As resistências e reações de movimentos contrários de outras culturas sempre existirão, fortalecendo a ideia de que é na diferença que a própria identidade cultural se constrói. O que ocorre é que elas ressignificarão o novo sistema imposto à luz de seus próprios termos, de sua própria cosmologia. A segunda ideia é a refutação da ideia de “cultura” como algo estático, algo sincrônico, engessado na história, com suas normas e sistemas definidos e permanentes. Na realidade, o que é algo permanente é a própria mudança, as coinfluências entre culturas, e as trocas de elementos culturais. Pensar em um isolacionismo e “congelamento” cultural em um contexto de “aldeia global” é praticamente impossível.

As culturas supostamente em desaparecimento estão, ao contrário, muito presentes, ativas, vibrantes, inventivas, proliferando em todas as direções, reinventando seu passado, subvertendo seu próprio exotismo, transformando a antropologia tão repudiada pela crítica pós-moderna em algo favorável a elas, ‘reantropologizando’, se me permitem o termo, regiões inteiras da Terra que se pensava fadadas à homogeneidade monótona de um mercado global e de um capitalismo desterritorializado [...]. Essas culturas, tomadas de um novo ímpeto, são fortes demais para que nos demoremos sobre nossas infâmias passadas ou nosso atual desalento. O que se carece é de uma antropologia disposta a assumir seu formidável patrimônio e a levar adiante suas muitas e valiosas intuições (LATOUR 1996:5).

Outros cientistas sociais como Zigmunt Bauman, também salientam a dicotomia universal versus local, atribuindo valores diferentes para essas noções, contrariando a valorização positiva de Marshall Sahlins em relação aos movimentos culturais locais de resistência frente ao imperialismo capitalista. Para Bauman, a qualidade de ser global é positiva enquanto ser é local é negativo. O mundo foi dominado e conectado pelas redes – de transportes, de comunicação, de informação – e isso se traduz em mobilidade, rapidez, velocidade. Dessa forma, a imobilidade, ou o localismo, é sinal de “privação e degradação social” (BAUMAN, 1999). “As localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam” (BAUMAN, 1999, p. 8). Do ponto de vista de Bauman “os centros de produção de significado e valor são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais — o que não se aplica, porém, à condição humana, à qual esses valores e significados devem informar e dar sentido” (BAUMAN, 1999, p. 9). Equivale a dizer que os “globais” do “centro” são os que ditam as regras, a “alta cultura globalizada” é a fonte e principal produtora de significados sobre o mundo, sujeitando os “locais” às suas regras e padrões universalizantes. Evidentemente, Marshall Sahlins possui uma visão mais crítica a esse respeito, refutando a afirmação de que o localismo possui uma inferioridade em comparação com o global, como se aquele fosse apenas uma versão simplificada da civilização ocidental.

Independente do fluxo com maior influência ser global ou local, ou vice-versa, o que ocorre é a troca ou a confluência entre as partes. Ao exemplo do sistema temporal, a globalização pode promover uma padronização própria dominadora, que dita o ritmo de

sua engrenagem, impondo às pessoas certos padrões de conduta de lidar com o tempo e suas consequências. Mas estas sempre criarão subterfúgios, muitas vezes adequando o global ao local, e por sua vez ao individual.

5.3 GLOBALISMO X INDIVIDUALIZAÇÃO DA COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO

A dicotomia global *versus* local aprofunda-se ainda mais podendo se falar em global *versus* individual. Quer dizer que, face ao projeto de uma mundialização homogênea, o projeto individual de cada um também pode ter espaço para se manifestar, ao menos é o tipo de pensamento que algumas pessoas expressam. De acordo com a opinião de alguns entrevistados, é possível não participar desse ritmo de vida e padrões impostos pela modernidade. Julgam ser uma questão de opção, um estilo de vida. A escolha de ser engolido ou não por esse dinamismo intenso ao nosso redor é uma pessoal. Na afirmação de uma médica “independente(mente) de como a realidade temporal ou espacial se apresente, questões e escolhas individuais é (o) que realmente importa e (o que) vão ditar as regras” (da vida). Talvez seja realmente possível não se envolver nessa crescente intensidade de mudanças e aceleração do tempo. Talvez possa ser possível ter menos atividades e sentir menos esta velocidade, ou abrir mão de assumir certos padrões de conduta e de consumo propostos por uma sociedade capitalista. Essa possibilidade dependeria das escolhas feitas.

Citando novamente o antropólogo entrevistado, encontramos a possibilidade de sair do ritmo alucinado de vida que a modernidade impõe. Para ele, a globalização possui alcance global, mas não alcança a todos igualmente. Apesar de símbolos modernos, urbanos de uma globalização capitalista estarem presentes em todo canto, ainda preservam-se valores locais. Nesse duelo silencioso entre localidade e globalização nem sempre a última tende a ganhar. Os ritmos de vida e os valores capitalistas não se impõem de forma determinante.

São suas palavras:

Você (es)tá em Salvador atravessa o mar 14 km, em média, você atravessa a baía e você (es)tá em um mundo outro em que o pescador se nega a ingressar nessa ‘coisa louca’ que é esse ritmo de vida. Tem um aluno meu de doutorado que é veterinário e ele (es)tá trabalhando com pesca, então o pescador diz para ele: parei de pescar, já pesquei bastante, não preciso mais do que isso, eu só preciso desses peixes. E ele (o aluno) diz: mas por que você não pesca mais, ‘e tal’, não vende? Ele (o pescador) diz: não, não preciso mais; preciso pra vender e ter um ‘dinheirinho’ pra minha cachaça, comprar algumas coisas e comer em casa. Então você encontra esse tipo de coisa convivendo. Ao mesmo tempo que você tem o ritmo alucinante de um empresário capitalista, do intelectual, você tem o ‘cara’ local que tem o (próprio) ritmo e não quer ingressar em outro. Mas você acha, então, que o conflito entre localidade e globalização tende a acontecer, mas nem sempre a globalização tende a ganhar, não é? Nem sempre, nem sempre alinha, nem sempre prevalece.

A tendência parece ser em direção a uma hibridização, uma mistura de elementos globais com locais e com momentos que alternam entre as duas realidades. Uma vez a local, outras a global (pre)domina. O antropólogo cita outro exemplo de um colega seu, também professor de universidade, que pesquisou sobre a “preguiça” e observou como era utilizada como um modo de vida pelas pessoas. Elas querem ser “preguiçosas”, escolhem ter e viver um outro ritmo e noção de tempo, de lugar, de necessidade, que não as “modernas”.

Nesse ponto, concordo com David Harvey que se posiciona a favor de um diálogo entre localismo e o universalismo, e a não supressão de suas características mais relevantes. Conciliar a coexistência de um tempo social capitalista baseado em ritmo de produção de mercadorias e serviços com um tempo social mais dependente de fenômenos naturais é, com certeza, um dos desafios que se encontram na própria pauta da globalização. Defendo a ideia de que antes de um processo homogenizador, a globalização é um processo dialético, de conflitos, negociações e sínteses entre as várias realidades culturais mas com a predominância, na maioria das vezes, da hegemônica cultura ocidental. É a diferença que constrói a identidade cultural e por mais que haja a tentativa de uma uniformização cultural baseada nos valores capitalistas ocidentais,

cada cultura, até mesmo cada indivíduo a assimilará e a conceberá de acordo com as suas próprias possibilidades e escolhas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para viver em um mundo globalizado é relevante conhecer e entender os parâmetros pelos quais os indivíduos de uma dada cultura concebem o tempo se quisermos explorar a possibilidade de uma convivência e interação intercultural inevitável na atualidade, com o objetivo de evitar desentendimentos e conflitos culturais.

O fenômeno da compressão espaço-tempo não é um processo universal, não abrange todos os meios sociais e culturais que não sofrem objetivamente as influências ocidentais e capitalistas mas, pelo seu caráter particular, marcadamente capitalista, é claramente vivenciado por todos os povos englobados em um contexto econômico capitalista de economia flexível. Em resumo, apresento aqui um fenômeno que se desenvolve em uma conjuntura do processo de globalização, real, fatural, mas que não alcança a todos da mesma forma e nem na mesma intensidade.

Neste trabalho foi levantada uma problemática específica: como pessoas – viajantes - altamente expostas à compressão do espaço-tempo contemporânea percebem-na e que tipo de influências esta situação exerce nas suas práticas diárias, nas suas relações e concepção de tempo e espaço. O aeroporto, com seus intensos fluxos globais, foi escolhido como cenário promissor para encontrar depoimentos que permitam visualizar essas situações.

Restrições são inerentes à uma pesquisa científica. As respostas coletadas foram relativamente homogêneas, pois, o público também se restringia a um círculo social parecido: as pessoas passíveis de ter acesso a um aeroporto. Na verdade, trata-se de um exercício que pode ser ampliado para um público maior e bem mais diverso do que o abordado. Como culturas “diferentes” das ocidentais observariam e avaliariam esse fenômeno em suas vidas? É uma pergunta pertinente para avaliar o fenômeno da compressão espaço-tempo na pluralidade das visões passíveis de serem encontradas em todo o mundo e que são relevantes para uma compreensão mais ampla e abrangente e da própria globalização. O fato é que ainda estamos passando pelo desenvolvimento desse processo de mudanças tão profundas na estrutura política, econômica, cultural mundial. Se observarmos esse cenário mundial, poderemos perceber a desestruturação e

remanejamento de vários tipos de hierarquias (a política e a econômica, por exemplo). Para que direção estamos indo, não se sabe. Mas se sabe que conforme a tecnologia e a modernidade avançam, é possível afirmar que outros fenômenos e inovações continuarão surgindo e modificando, de forma profunda e progressivamente, nossas categorias de tempo e espaço. A compressão provavelmente se potencializará e seremos cada vez mais engolidos pela rapidez das mudanças do sistema mundial.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. “Dimensões culturais da globalização”, Teorema, Lisboa 2004. Cap. 2, p.22- 36

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BAUMAN, Zigmunt. “Tempo e Espaço”. In: Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____, Zigmunt. “Globalização – As consequências humanas”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BELZEN, Jacob A. Para uma Psicologia Cultural da Religião: princípios, enfoques, aplicação. Tradução: José Luiz Cazarotto, Edênio Valle. Aparecida, SP: Idéias&Letras, 2010.

BOTTON, Alain de – “Uma semana no Aeroporto”. Tradução de Maria Luiza Machado Jatobá. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DAVEY, Peter. Grounding the airport - integrating airports to cities – artigo publicado na revista Passenger Terminal World, oct./dec. 1996, p.42-47.

ELIAS, Norbert - “Sobre o Tempo”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

EVANS-PRITCHARD, Eward E. “Tempo e espaço”. In.: Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GELL, Alfred. The Anthropology of Time: Cultural Constructions of Temporal Maps and Images. Oxford: Berg. 1992

GIDDENS, Anthony. O Mundo na era da Globalização. Lisboa: Editora Presencial, 2000. p.15-30.

GINGRICH, Andre, OCHS, Elinor and SWEDLUND, Alan. "Repertoires of Timekeeping in Anthropology". Current Anthropology Volume 43, Supplement, August–October 2002.

HALL, Edwar. "The Hidden dimension" cap IX The anthropology of space: an organizing model cap XIII the cities and culture

_____. "The silent language". New York, New York: Anchor Books, 1990.

HARVEY, David. A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna. In: A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1989. Cap. 17, p. 257-276.

KANT, Immanuel. Versão eletrônica do livro "Crítica da Razão Pura" Tradução: J. Rodrigues de Mereghe

KERN, Stephen. The culture of time & space 1880-1918: with a new preface. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

LEACH, Edmund R. Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. In.: Repensando a antropologia. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEBEDKO, Maria. Time Perception across Russian and American Cultures. PAC3 at JALT2001 1Conference Proceedings, 2001.

LEWELLEN, Ted C. The Anthropology of Globalization: Cultural Anthropology Enters the 21st Century. Westport, Conn: Bergin & Garvey, 2002

OLIVEIRA, Luis Roberto Cardoso – as categorias de entendimento humano e a noção de tempo e espaço entre os Nuer.

SAHLINS, Marshal. "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção". In: Mana - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

PÁGINAS VISITADAS

<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/aeroportos/distrito-federal/aeroporto-internacional-de-brasil.html> - Página visitada em 09 de julho de 2011 as 20:25hs.

http://www.portaldoastronomo.org/tema_pag.php?id=16&pag=2 página visitada em 01 de agosto de 2012 as 15:25h

<http://library.thinkquest.org/06aug/01010/culturalAspects.html>

<http://www.flickr.com/photos/familiabraga/2737519315/>

<http://sonhandovivendoeaprendendo.blogspot.com.br/2010/07/aeroporto-charles-de-gaulle-paris.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Aeroporto_Internacional_de_Bras%C3%ADlia

<http://www.passagensmenorpreco.com.br/movimento-no-aeroporto-de-brasilia-volta-ao-normal-apos-operacao-padrao-da-pf/>